

stirner, o único, em língua portuguesa

edson passetti*

Chega ao público, em língua portuguesa, em março de 2004, o problematizador livro de Max Stirner *O único e a sua propriedade* (Lisboa, Antígona, Tradução de João Barrento, 339 páginas, contendo “Glossário” e ensaio de José A. Bragança de Miranda, “Stirner, o passageiro clandestino da história”). Stirner, que escreveu pouco, mas intensos artigos, é um autor atual e pouco discutido, que *Verve* divulga no Brasil, em cada volume, incluindo, no número 2, o trecho final deste livro, chamado “O único”.

Os anarquistas caracterizam Stirner como anarco-individualista, desde a recuperação de seus escritos pelo poeta John MacKay. Mas ele não cabe numa definição estreita. Demolidor das heranças hegelianas, e por conseguinte do Estado e das *iluminações* da vida social maior derivada do contratualismo de Kant, Max Stirner afirma o contra-posicionamento diante de transcendentidades, chamem-se religião, homem, sociedade, Estado. Está em discussão a história do presente, impossível de

* Professor no Depto. de Política, no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais e Coordenador do Nu-Sol — Núcleo de Sociabilidade Libertária da PUC-SP.

ser capturada pela Razão e redimensionada como utopia para um lugar seguro no futuro.

Muita coisa ainda será dita e debatida sobre *o único*: a associação de egoístas ou únicos, os detalhamentos sobre a reflexão a respeito do egoísmo, a importância e atualidade da problematização de Stirner sobre o autoritarismo da razão moderna, as ressonâncias de suas anotações sobre autores desestabilizadores, a existência da vida livre inventando costumes, abalando instituições, afirmando miríades de associações.

O único e a sua propriedade não é um livro que se recomenda ler. Ele deve ser alcançado pelo leitor livre de dogmas, num momento de sua existência única. Diante de cada página, lida e virada sem pressa, experimentar ser atravessado por suas palavras: saber conviver com o ferimento na carne e a profusão de liberdades que ele aciona. É um livro para o corpo, inscrito na pele, sussurrado e gritado a plenos pulmões.

Falar de *O único e a sua propriedade* não é resumir suas principais teses, mostrar as repercussões no seu lançamento e ressaltar sua pertinência na atualidade. Publicado em 1845, foi imediatamente recolhido pela censura governamental. Hoje em dia, com a derrocada do socialismo autoritário e o fracasso da difusão da universalização da pacífica democracia promotora de várias pequenas grandes guerras, Stirner permanece um agitador para pessoas que combatem as uniformidades. Está no fluxo intenso que atrai Nietzsche, Deleuze, Foucault.

* * *

No início do século XXI diversificam-se os efeitos das práticas anarquistas por jovens libertários que se formaram no interior dos anarquismos que emergiram dos movimentos dos anos 1960, seja revitalizando práticas

Stirner, o único, em língua portuguesa

passadas, seja inventando outras experimentações, liberações e libertações. O livro de Stirner também se dirige aos libertários contemporâneos que não vivem de reminiscências, nem de *imitações* do passado. *O único e a sua propriedade* é atual para quem revira posicionamentos, abala identidades, vomita sobre os que se arvoram em líderes ou diretores de consciências.

Stirner não pretende embalar o sonolento militante para sonhar com a utopia, tampouco cabe no sovaco de um líder pastoral. Debaixo do braço é até possível que o livro provoque cócegas, risos, efeitos de uma sinistra comédia em que o corpo se rebela contra a razão mórbida, despertando-a para o fim da hierarquia do cérebro sobre os sentidos e a ilusão do real para afirmar a veracidade do simulacro. Ele convida ao presente, sem medo de fazer seu leitor dar de cara com seu próprio cadáver. *O único* é para pessoas libertárias, não *forma* militantes, mas desenforma pessoinhas primorosas: não é para as sentinelas do anarquismo.

Em *O único e a sua propriedade* não se encontram respostas, mas desassossegos. É um livro que não se presta à polêmica (o equívoco de Marx e Engels, em *A ideologia alemã*, coisa datada e superada). Apenas problematiza, afirma. Não se volta para a síntese, mas para a reabertura no presente. É um livro para qualquer pessoa, ainda que um arrogante acadêmico pretenda dizer o contrário. Lendo Stirner, cada pessoa, jovem ou adulta, reconhece que pensa sem tutela de *proprietários do pensamento*. Stirner e seu livro provocam *quereres*.

* * *

Bragança de Miranda é um analista reconhecido dos textos de Stirner, uma referência como Emile Armand, Günther Freitag, Jean Barraué (vide, adiante, resenha de *Max Stirner e o anarquismo individualista*), como Hakim

Bey, em *Taz, uma zona autónoma temporária* e Albert Camus, em *O homem revoltado*. Atravessa os percursos de *O único e a sua propriedade* ressaltando os feitos de MacKay, a importância da leitura de Stirner pelos artistas vanguardistas do início do século XX, a partir de Picabia e Duchamp, passando por Pound, Beckett, Joyce, o reconhecimento filosófico por Derrida e sua incorporação por Deleuze. É pouco? Em aproximadamente quarenta páginas, o ensaio de Bragança de Miranda, “Stirner, o passageiro clandestino da história”, dá conta de uma remexida no leitor para que sua mão alcance novamente a prateleira e acione outra leitura do livro.

Deixando de lado se Stirner é ou não um passageiro da história, o que por si só remeteria a uma longa discussão sobre o hegelianismo, o ensaio de Bragança de Miranda explicita este itinerário de maneira estimulante comentando temas stirnerianos e indo de Marx a Deleuze. Mais do que isso, chama a atenção para o fato de Stirner ser menos citado do que lido e que ele não pode ser reduzido a *meia dúzia de fórmulas sem sentido* (pp. 328-329).

Bragança de Miranda escolhe falar sobre servidão, espectros (abre o ensaio com uma citação de Novalis, *ali onde não há deuses, reinam os fantasmas*), o crime, a arte, e finaliza abordando o único. A cada movimento concorda-se com o autor, volta-se aos escritos de Stirner, procura-se outros analistas, reviram-se as conclusões provisórias. O *estilo* do autor é coerente com a proposta de Stirner deixando o leitor incomodado.

O corpo é o tema central em Stirner, antes mesmo de Nietzsche. Disso somos lembrados, enfaticamente, por Bragança de Miranda. Mas da mesma maneira deve-se afirmar que encontra-se em Étienne de la

Boétie (também muito lido e pouco citado) a emergência da problematização da servidão na história.

Stirner não cessa, não há conclusão derradeira e o ensaísta provoca novas agitações no leitor, incitando-o a escrever, pois a escrita é vida, um ato de aprendizagem que não tem fim. Entre a vida e a filosofia, Stirner fica com a vida. Isto não quer dizer esquecimento da filosofia. Lembra Bragança de Miranda, comentando o escrito anterior a *O único e a sua propriedade* sobre arte e religião (publicado em *Verve* 4), que depois da arte veio a religião e que esta antecedeu a filosofia. É preciso, isto sim, sair fora de uma filosofia espiritual, que poupa o corpo para que este não a abale, e que pretende *mudar o mundo*. O mundo não existe! A vida está no presente, hoje, agora, no momento desta leitura em que acontece algo que não pode ser apreendido por um conceito, numa pessoa única: você leitor neste exato momento que deixou de ser.

Stirner é estranheza, é carne, mas não pode ser reduzido ao elogio à *animalidade*. Sem delitos não há Estado: isso era uma coisa sabida. Da mesma maneira, o fato que funda um direito se encontra repleto de violência, como mais tarde Nietzsche veio confirmar. De maneira que para Stirner, a prisão é o modelo da sociedade, como sublinha com força Bragança de Miranda. Daqui em diante, pode-se afirmar, também, que não sobram em pé nem Rousseau que lhe antecedeu, nem Kropotkin, que o sucedeu, nem Marx que pretendeu apagá-lo, nada. Não há lei geral para um único, tampouco interessa-lhe glorificar o fato do homem matar deus para se colocar em seu lugar. É somente o preenchimento de um vazio. A ontologia do crime está abalada, antes mesmo que o abolicionismo penal, no último quartel do século XX começasse existir; da mesma maneira como a tal ontologia já fora desestabilizada

anteriormente por William Godwin (ver capítulo inédito de *Political Justice*, neste número).

O *único* age segundo as circunstâncias: ele não presta favores a princípios, à severidade ascética, aos superiores e inferiores. Pensa e atua abolindo hierarquias segundo a relação de forças. É também um anarquista: menos pela *crítica* ao Estado ou à economia política, e mais pela dimensão estética de sua obra, abolição das hierarquias e por se desvencilhar dos resquícios iluministas que imobilizam os anarquistas.

Bragança de Miranda situa a arte na prática do *único* dissolvendo a separação colocada pela modernidade que fixara a estética num campo complementar, “onde tudo o que não era racionalizável encontrava lugar” (p. 320). Neste momento, ele introduz um instigante debate mostrando a ambigüidade da leitura de Stirner pelos vanguardistas. De um lado, o “deslocamento da arte para o artista” (p. 321), uma interpretação do *único* como gênio. De outro, o artista associado à revolta e não à revolução, fato sublinhado anteriormente por Albert Camus. Neste ínterim sabe-se de um projeto de edição do livro por Duchamp com capa de Max Ernst¹. Os vanguardistas nas artes, diferente da política, repararam na existência de Stirner. Suas *obras* ficaram enquanto os projetos políticos vanguardistas soçobraram.

A análise de Bragança de Miranda, sobre a arte em Stirner, nos remeteria a ampliar o opúsculo de Foucault, “O que é o autor?”, em que este restringe sua análise aos escritores e às conquistas modernas da discursividade em Freud, Nietzsche e Marx. Entretanto, Stirner, que Foucault não desconhecia, invade o século XX da profusão de imagens. Os desdobramentos entre os vanguardistas e dadaístas, lidando com a autoria da obra de arte, remetem também ao estudo da estética da

existência, momento de reflexão derradeira de Foucault, um desvencilhar-se da concreta separação propiciada pela modernidade. A arte não mais como imagem do real, objeto ou possível transcendência, mas como vida na associação de únicos.

A arte dimensionada para um querer criança, ali presente onde *nada* se separa. Não é o recomeço, nem um começo progressivo realizando um ideal, mas vida na pele, verdade dos simulacros, plasticidade no corpo, sem altruístas e *egoístas*, singularidade como disse Deleuze, estética da existência como inventou Foucault. Não é preciso extirpar o desejo do criador de matar alguém; é preciso viver libertaria-mente.

Stirner é também um anarquista no anarquismo². Ao apresentar seu livro diz: “em vez de continuar a servir com altruísmo aqueles grandes egoístas, sou eu próprio o egoísta... eu que sou o meu tudo, eu que sou o único. (...) Para mim, nada está acima de mim!” (pp. 10-11). Certas pessoas precisam falar menos de cátedra sobre Stirner, e ler, pelo menos, a primeira página de *O único e a sua propriedade*.

Notas

¹ A edição francesa de *L'unique et sa propriété*, de Jean-Jaques Pauvert Éditeur, publicada em 1960, apresenta capa de Max Ernst.

² Edson Passetti. *Éticas dos amigos, invenções libertárias da vida*. São Paulo, Imaginário, 2003.

RESUMO

Recentemente publicado em português, O único e a sua propriedade, obra singular de Max Stirner, chama a atenção entre nós para a leitura deste incômodo autor. A perspectiva de Stirner abala tanto o humanismo quanto o culto ao Estado numa radical afirmação de si. Um anarquista no anarquismo, como coloca Passetti, Stirner traz à tona uma afronta às hierarquias e à submissão.

Palavras-chave: individualismo, liberação, associação de egoístas.

ABSTRACT

Recently released in Portuguese, The ego and its own, ouvre unique written by Max Stirner, highlights the reading of this annoying author among us. Stirner's perspective rocks both humanism and the cult of state in a radical affirmation of the self. An anarchist in the anarchism, as stated by Passetti, Stirner brings up a libertarian affront to hierarchies and submission.

Keywords: individualism, liberation, association of egoists.

Recebido para publicação em 19 de abril de 2004.